



## Viver é melhor que sonhar: A história do Projeto de Assentamento Nova União

Em Araguatins (TO), uma cidade às margens do Rio Araguaia, existe um sonho que se tornou realidade: um lugar chamado Projeto de Assentamento Nova União. Um sonho que começou no final do ano de 2006, quando 230 famílias resolveram acampar em frente à Fazenda São Judas Tadeu, na esperança de conquistar o que todo ser humano tem direito e merece: um pedaço de terra pra chamar de seu.

Como todo sonho, exigiu muita luta e paciência para se concretizar. Muitas coisas aconteceram: algumas pessoas desistiram no caminho, outras chegaram para sonhar junto, a desocupação da fazenda desejada no início não foi alcançada. Mas após longos dois anos e meio, chegou o dia 29 de agosto de 2009, a data em que a chamada Fazenda Estrela foi dividida em lotes de 22 hectares, que se tornaram o lar de 80 famílias. Quanta alegria!

Mas a luta não parou por aí. O primeiro ano do assentamento ainda foi bastante difícil. A renda era pouca, a terra estava descuidada, faltava água. Foram muitos desafios, mas a liberdade de estar em sua própria terra e de poder produzir e colher com autonomia foi o que motivou a persistência das famílias, como a da Eliane Vieira Pereira.

Ela conta como era diferente a realidade antes de serem assentados: “Antes todos trabalhavam nas terras dos fazendeiros. E a gente trabalhava e não alcançava nenhum resultado. Só trabalhava para enriquecer o grande proprietário”. Hoje em dia, ela se sente uma pessoa realizada por poder plantar para sustentar sua própria família e ainda conseguir comprar outras coisas, como remédios, roupas e calçados, com o dinheiro da venda da produção.

O Francisco Araújo Sousa, mais conhecido como Rivaildo, também confirma a mudança na qualidade de vida que o Projeto de Assentamento Nova União trouxe: “depois que conseguimos a terra, tudo ficou melhor”. Ele sabe que não seria possível conquistar tudo isso sozinho e, por esse motivo, é muito grato a todos os companheiros que ajudaram neste caminho, que não foram poucos.



As famílias sempre contaram com o apoio de entidades como o STTR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) e a APA-TO (Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins), que, dentre outras iniciativas, as incentivaram muito na criação de um grupo agroecológico em parceria com um outro Projeto de Assentamento, o Sete de Janeiro. O grupo começou a ser sonhado em 2012 e se consolidou mesmo em 2014. Hoje é formado por seis famílias do Nova União e seis do Sete de Janeiro.

O grupo agroecológico surgiu, porque as famílias queriam muito tirar renda de outras alternativas que não fosse o gado, já que a área para criação é pequena e o retorno é pouco. Existem dificuldades, a produção ainda é pequena, de vez em quando falta água e ainda existe o sonho de conquistar um ponto específico para a comercialização. Mas, unidas, elas conseguem trabalhar com hortas agroecológicas, canteiros econômicos, cisternas, irrigação e sistemas agroflorestais (SAFs). E o Rivaildo garante: “pelo menos para comer, a gente não tá comprando”.

Os aprendizados com o grupo foram muitos. Hoje em dia as famílias produzem de modo diferente, usam remédios alternativos para espantar as pragas, aproveitam as folhas que caem das árvores para fazer a cobertura do solo e deixá-lo mais fértil, plantam mais de uma cultura num mesmo espaço sem usar veneno. E o mais interessante nesse processo é que tudo é feito de maneira coletiva, com muita troca de experiência e de conhecimento. O grupo se reúne, combina o dia e faz mutirão para gradear com tratorito, preparar a terra, fazer os canteiros, plantar. Isso faz com que o trabalho seja feito mais rápido e ainda traz diversidade e economia pra todos: “Ao invés de todo mundo comprar tudo, a gente se reúne e define quem irá comprar as sementes e cada um produz a sua muda e troca entre nós e isso é um gasto a menos”, conta a Eliane. Hoje em dia, eles produzem abobrinha, alface, rúcula, maxixe, berinjela, cenoura, couve, tomate, quiabo, chuchu, beterraba e, assim, não precisam comprar fora, porque já têm o sustento dentro de casa. Além de complementar a renda, produzir de maneira agroecológica também ajuda na saúde, porque garante uma alimentação saudável às famílias.

A experiência do grupo é tão significativa que eles têm o desejo de ir além: querem ter uma empresa que estabeleça o compromisso de compra da produção, para não faltar produto no mercado e não faltar renda para as famílias. E é assim, de sonho em sonho e inspirando outros grupos, que o Projeto de Assentamento Nova União vai construindo a realidade, porque sabe bem que “viver é melhor que sonhar”.



Realização: ATTRSJ, APA-TO e Rede Bico Agroecológico  
Apoio: PPP-ECOS, IAF e MISEREOR  
Texto: Clara Mabeli  
Revisão: Selma Yuki Ishii  
Fotos: APA-TO e ISPN  
Diagramação: Gustavo Ohara

